
**INGLÊS COMO
MERCADORIA GLOBAL:
IDEOLOGIAS LINGUÍSTICAS,
INVESTIMENTO E
MOBILIDADE
INTERNACIONAL ENTRE
BRASILEIROS**

**ENGLISH AS A GLOBAL COMMODITY: LINGUISTIC IDEOLOGIES,
INVESTMENT, AND INTERNATIONAL MOBILITY AMONG BRAZILIANS**

Ciências Sociais Aplicadas, Linguística & Letras e Artes • 17/04/2026

REGISTRO DOI: [10.70773/revistatopicos/776350657](https://doi.org/10.70773/revistatopicos/776350657)

Magberto Rocha Araújo

RESUMO

Este artigo investiga as percepções de aprendizes brasileiros de inglês acerca de suas trajetórias de aprendizagem e as ideologias linguísticas que orientam suas escolhas educacionais. Com base em entrevistas com doze participantes que estudaram inglês no Brasil e posteriormente realizaram cursos de imersão na Cidade do Cabo, analisamos como o inglês é construído discursivamente como uma mercadoria global e um investimento para o sucesso profissional. Os resultados indicam que o ensino escolar é amplamente percebido como insuficiente, o que contribui para a expansão de institutos privados (conhecidos como escolas de idioma) e programas no exterior. Argumentamos que tais percepções refletem e reforçam uma lógica neoliberal, na qual a aprendizagem de inglês é entendida como capital simbólico e econômico. O estudo contribui para a discussão sobre o papel das ideologias linguísticas na mercantilização do inglês e suas implicações para o contexto educacional brasileiro.

Palavras-chave: ideologias linguísticas; inglês como língua global; mercantilização; mobilidade internacional; ensino de inglês.

ABSTRACT

This article investigates Brazilian learners' perceptions of their English language learning trajectories and the language ideologies that shape their educational choices. Drawing on interviews with twelve participants who studied English in Brazil and later attended immersion programs in Cape Town, this study analyzes how English is discursively constructed as a global commodity and an investment for professional success. The findings indicate that formal schooling is widely perceived as insufficient, which contributes to the expansion of private language institutes and study-abroad programs. It is argued that such perceptions both

reflect and reinforce a neoliberal logic in which learning English is understood as a form of symbolic and economic capital. The study contributes to discussions on the role of language ideologies in the commodification of English and its implications for the Brazilian educational context.

Keywords: language ideologies; English as a global language; commodification; international mobility; English language teaching.

1. INTRODUÇÃO

Atualmente o inglês ocupa uma posição central no mundo globalizado, sendo frequentemente associado a oportunidades profissionais, mobilidade internacional e prestígio social. No contexto brasileiro, essa associação tem contribuído para a construção de discursos que posicionam o inglês não apenas como uma habilidade linguística, mas como uma ferramenta econômica essencial para inserção e ascensão no mercado de trabalho.

Nas últimas décadas, a expansão do inglês como língua global tem sido acompanhada pela consolidação de um amplo mercado de ensino de línguas, que inclui institutos privados, materiais didáticos, certificações internacionais e programas de mobilidade acadêmica. Esse cenário tem favorecido a emergência de uma lógica na qual a aprendizagem do inglês é progressivamente deslocada do âmbito da educação pública para o campo do consumo individual, reforçando desigualdades de acesso e oportunidades.

No Brasil, esse processo é particularmente relevante. Embora o ensino de inglês esteja presente no currículo escolar, diversos estudos apontam para limitações estruturais que dificultam o desenvolvimento da proficiência linguística nesse contexto. Como

consequência, muitos aprendizes recorrem a alternativas no setor privado, como cursos em institutos de idiomas, e, mais recentemente, a programas de imersão no exterior. Essas trajetórias revelam não apenas escolhas educacionais, mas também a circulação de crenças e valores sobre o que significa “aprender inglês de verdade”.

Este artigo parte do pressuposto de que tais escolhas são orientadas por ideologias linguísticas que articulam linguagem, economia e identidade. Mais especificamente, argumenta-se que o inglês é construído pelos participantes como uma mercadoria global, inserida em uma lógica neoliberal que transforma a aprendizagem em investimento e a proficiência linguística em capital. Nesse contexto, os sujeitos passam a se perceber como responsáveis por investir em si mesmos, buscando maximizar suas oportunidades por meio do domínio da língua.

A partir da análise de narrativas de aprendizes brasileiros, discutimos como diferentes espaços de aprendizagem — escola regular, institutos de idiomas e programas no exterior — participam da produção e circulação dessas ideologias linguísticas. Além disso, examinamos como essas experiências contribuem para a construção de identidades profissionais e cosmopolitas, valorizadas em um mercado de trabalho cada vez mais globalizado.

Ao fazê-lo, este estudo contribui para o campo da Linguística Aplicada ao oferecer uma análise crítica das relações entre linguagem, neoliberalismo e mercantilização, evidenciando como o inglês se insere em dinâmicas mais amplas de poder e desigualdade. Também busca problematizar a naturalização de discursos que associam o domínio do inglês ao sucesso individual,

apontando para a necessidade de refletir sobre o papel das políticas educacionais e das práticas de ensino de línguas no Brasil.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

As ideologias linguísticas têm sido amplamente discutidas como sistemas de crenças, valores e pressupostos sobre a linguagem que refletem e, ao mesmo tempo, produzem relações sociais, políticas e econômicas (Kroskrity, 2010). Longe de serem neutras, essas ideologias operam como mecanismos de naturalização, fazendo com que determinadas visões sobre línguas — como sua utilidade, prestígio ou valor econômico — sejam percebidas como evidentes ou incontestáveis.

No contexto da globalização contemporânea, o inglês ocupa uma posição central nessas construções ideológicas. Sua expansão está profundamente ligada a processos históricos, políticos e econômicos que o consolidaram como língua dominante em diversos domínios, como negócios, ciência, tecnologia e educação. No entanto, como argumenta Pennycook (2014), essa expansão não pode ser entendida apenas como resultado de sua suposta utilidade comunicativa, mas deve ser analisada criticamente como parte de dinâmicas de poder e de heranças coloniais que continuam a moldar o mundo contemporâneo.

Nesse cenário, a noção de capital linguístico proposta por Bourdieu (1991) oferece uma ferramenta analítica fundamental. Para o autor, a linguagem funciona como um recurso simbólico que pode ser convertido em capital econômico e social, dependendo do valor que lhe é atribuído em determinados mercados linguísticos. O inglês, nesse sentido, ocupa uma posição privilegiada como forma de

capital altamente valorizada, especialmente em contextos globalizados. Contudo, esse valor não é distribuído de forma igualitária, sendo acessível principalmente àqueles que dispõem de recursos econômicos e sociais para adquiri-lo.

A partir dessa perspectiva, torna-se possível compreender a aprendizagem de inglês como prática inserida em uma lógica neoliberal mais ampla. O neoliberalismo, entendido como um regime econômico e político que enfatiza a responsabilidade individual, a competitividade e a lógica de mercado, tem influenciado profundamente o campo educacional. Conforme argumenta Block (2018), a linguagem passa a ser concebida como habilidade econômica, e os sujeitos são interpelados como empreendedores de si mesmos, responsáveis por investir em suas competências para aumentar seu valor no mercado de trabalho.

Essa lógica é particularmente visível no campo do ensino de inglês como língua estrangeira (ELT). Gray (2010, 2016) demonstra que materiais didáticos, discursos institucionais e práticas pedagógicas frequentemente promovem valores neoliberais, como mobilidade, sucesso individual e autodesenvolvimento. Assim, o ensino de inglês não apenas transmite conhecimento linguístico, mas também produz e reproduz ideologias que alinham os aprendizes a uma racionalidade de mercado.

Complementarmente, Holborow (2015) oferece uma crítica marxista à relação entre linguagem e economia, argumentando que, no capitalismo contemporâneo, a linguagem é progressivamente transformada em mercadoria. Nesse processo, o inglês assume um papel central como produto global, cuja aquisição é vendida como solução para problemas individuais, como desemprego ou falta de

mobilidade social. Essa mercantilização implica a reconfiguração da educação linguística, que passa a ser orientada por lógicas de consumo e retorno financeiro.

No contexto brasileiro, estudos sobre crenças e ideologias linguísticas, como os de Barcelos (2006), evidenciam que aprendizes frequentemente internalizam discursos que associam o domínio do inglês ao sucesso profissional e à ascensão social. No entanto, pesquisas mais recentes sugerem que essas crenças não devem ser entendidas apenas como percepções individuais, mas como parte de um sistema mais amplo de produção de sentidos, influenciado por políticas educacionais, desigualdades estruturais e pela expansão do mercado de ensino de línguas.

Dessa forma, articular as contribuições de Kroskrity, Bourdieu, Pennycook, Block, Gray e Holborow permite compreender o inglês não apenas como língua, mas como fenômeno social, econômico e ideológico. Essa abordagem possibilita analisar como práticas de aprendizagem, escolhas educacionais e trajetórias individuais estão imbricadas em dinâmicas globais de poder, nas quais a linguagem assume papel central na produção de desigualdades e na construção de subjetividades.

3. METODOLOGIA

Este estudo adota uma abordagem qualitativa de natureza interpretativista, buscando compreender como aprendizes brasileiros de inglês constroem sentidos sobre suas experiências de aprendizagem e sobre o valor da língua em suas trajetórias pessoais e profissionais. Essa perspectiva parte do pressuposto de que a realidade social é construída discursivamente, sendo as narrativas

dos participantes fundamentais para a análise das ideologias linguísticas que permeiam suas práticas e crenças.

3.1. Participantes

A pesquisa contou com a participação de doze brasileiros de classe média, com idades entre 18 e 35 anos, que compartilharam trajetórias semelhantes de aprendizagem de inglês. Todos os participantes tiveram contato inicial com o idioma no contexto escolar brasileiro, posteriormente frequentaram institutos privados de idiomas e, por fim, realizaram programas de estudo no exterior, especificamente na Cidade do Cabo, África do Sul.

A seleção dos participantes foi realizada com base em critérios intencionais (*purposeful sampling*), considerando indivíduos que pudessem oferecer relatos ricos sobre diferentes etapas do processo de aprendizagem de inglês. A diversidade de experiências dentro desse grupo permitiu identificar padrões recorrentes e variações nas percepções sobre o ensino da língua.

3.2. Contexto da Pesquisa

O estudo foi desenvolvido a partir de um programa de ensino de inglês na Cidade do Cabo, um destino que tem se consolidado como alternativa a centros tradicionais como Estados Unidos e Reino Unido. A escolha desse contexto é relevante, pois permite analisar não apenas as experiências de aprendizagem em si, mas também os fatores econômicos, sociais e culturais que influenciam a decisão de estudar inglês no exterior.

Além disso, a Cidade do Cabo apresenta características específicas, como custo relativamente mais acessível, diversidade cultural e

ausência de exigência de visto para brasileiros em programas de curta duração, o que a torna particularmente atrativa para estudantes brasileiros.

3.3. Coleta de Dados

Os dados foram gerados por meio de entrevistas semiestruturadas, realizadas individualmente com os participantes, além de interações em grupo focal. As entrevistas permitiram explorar em profundidade as experiências de aprendizagem, motivações, expectativas e percepções dos participantes em relação ao inglês.

As entrevistas foram conduzidas de forma flexível, permitindo que os participantes narrassem suas experiências de maneira aberta, ao mesmo tempo em que seguiam um roteiro previamente elaborado com temas centrais, como: experiências escolares, aprendizagem em institutos de idiomas, motivações para estudar inglês e percepções sobre programas no exterior.

Todas as entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas integralmente, garantindo fidelidade aos discursos dos participantes. A utilização de excertos ao longo da análise busca preservar a voz dos participantes e evidenciar os processos de construção de sentido.

3.4. Análise dos Dados

A análise dos dados foi conduzida por meio de uma abordagem temática, com foco na identificação de padrões discursivos relacionados às ideologias linguísticas. Inicialmente, foi realizada uma leitura exploratória das transcrições, seguida de um processo de codificação, no qual categorias emergentes foram identificadas.

Essas categorias foram posteriormente organizadas em eixos analíticos que refletem diferentes dimensões das experiências dos participantes, como percepções sobre o ensino escolar, aprendizagem em institutos, mobilidade internacional e o inglês como investimento.

A análise foi orientada teoricamente pelas contribuições de Kroskrity (2010), Bourdieu (1991) e autores da linguística aplicada crítica, permitindo interpretar os dados não apenas em nível descritivo, mas também à luz de processos sociais mais amplos, como neoliberalismo, mercantilização e desigualdade.

3.5. Considerações Éticas

A pesquisa seguiu princípios éticos fundamentais, garantindo o anonimato dos participantes por meio do uso de pseudônimos. Todos foram informados sobre os objetivos do estudo e consentiram voluntariamente com sua participação.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta seção aprofunda a análise das narrativas dos participantes, articulando evidências empíricas e aportes teóricos para compreender como se produzem e se legitimam ideologias linguísticas em torno do inglês. Em vez de apenas descrever percepções, buscamos interpretar como tais percepções são construídas discursivamente e quais efeitos sociais produzem.

4.1. A Escola Como Espaço de Ausência

Os participantes constroem a escola como um espaço de insuficiência pedagógica, frequentemente associado a práticas

centradas na gramática, repetição de conteúdos e ausência de oportunidades de uso significativo da língua. Essa representação não é apenas descritiva, mas ideológica: ao caracterizar a escola como incapaz de promover aprendizagem “real”, os participantes reforçam uma narrativa de déficit que desloca a legitimidade do aprendizado para fora do sistema público.

À luz de Kroskrity (2010), tais discursos podem ser entendidos como racionalizações que naturalizam certas crenças sobre o que conta como conhecimento linguístico válido — neste caso, a fluência oral e a competência comunicativa. Ao mesmo tempo, a recorrência da crítica à escola ecoa achados de Barcelos (2006), indicando a persistência de crenças que desvalorizam o ensino escolar.

Sob uma perspectiva de economia política, essa deslegitimação também se alinha ao argumento de Block (2018) de que discursos neoliberais tendem a problematizar o público e a valorizar soluções privadas. Assim, ao narrar a escola como “fraca”, os participantes contribuem para a produção de um cenário em que a busca por alternativas de mercado aparece como inevitável.

4.2. Institutos de Idiomas e a Promessa de Eficácia

Em contraste com a escola, os institutos de idiomas são construídos como espaços de eficácia, organização e resultados. Essa oposição binária (escola ineficiente vs. instituto eficiente) não apenas descreve experiências, mas produz uma hierarquia de legitimidade entre diferentes espaços de aprendizagem.

Gray (2010, 2016) demonstra que o campo do ELT frequentemente mobiliza discursos de sucesso, mobilidade e autodesenvolvimento, promovendo uma visão do aprendiz como agente responsável por

investir em si mesmo. As narrativas dos participantes ecoam esses discursos ao enfatizar rapidez, eficiência e retorno do investimento.

Contudo, essa promessa de eficácia está intrinsecamente ligada ao acesso desigual a recursos. A partir de Bourdieu (1991), pode-se argumentar que os institutos funcionam como espaços de conversão de capital econômico em capital linguístico. Aqueles que podem pagar por cursos mais longos, intensivos ou especializados tendem a acumular vantagens adicionais, reforçando desigualdades já existentes.

Além disso, a valorização dos institutos contribui para a mercantilização da aprendizagem, na medida em que qualidade passa a ser associada a produtos e serviços pagos, e não a direitos educacionais.

4.3. Inglês Como Investimento e Capital

Um dos achados mais consistentes do estudo é a construção do inglês como investimento. Os participantes frequentemente mobilizam uma linguagem econômica — “retorno”, “custo”, “valer a pena” — para justificar suas decisões educacionais. Essa semântica financeira evidencia a internalização de uma racionalidade neoliberal na qual a educação é tratada como ativo e o aprendiz como investidor.

Holborow (2015) argumenta que, no capitalismo contemporâneo, a linguagem é progressivamente reconfigurada como mercadoria, sendo comprada, vendida e avaliada em termos de valor de mercado. As narrativas analisadas exemplificam esse processo: aprender inglês deixa de ser apenas um objetivo educacional e

passa a ser uma estratégia de valorização pessoal no mercado de trabalho.

Block (2018) complementa essa análise ao sugerir que, sob o neoliberalismo, competências linguísticas são reinterpretadas como habilidades econômicas. Nesse sentido, o inglês funciona como capital linguístico (Bourdieu, 1991), passível de conversão em capital econômico, seja na forma de melhores empregos, salários mais altos ou oportunidades de mobilidade.

Importa notar que essa lógica também produz pressões subjetivas. Ao assumirem a responsabilidade por investir em sua própria formação, os participantes internalizam a ideia de que o sucesso — ou fracasso — profissional depende de suas escolhas individuais, obscurecendo condicionantes estruturais.

Os próprios programas de língua no exterior são interpretados pelos participantes como investimentos de alto custo, mas com retorno potencial elevado. Essa percepção reforça a lógica de mercantilização da educação linguística, na qual cursos, viagens e experiências são avaliados em termos de custo-benefício.

Kroskity (2010) permite compreender essas justificativas como racionalizações ideológicas que tornam tais investimentos não apenas desejáveis, mas necessários. Ao mesmo tempo, Holborow (2015) enfatiza que essa naturalização está inserida em estruturas econômicas que promovem a transformação da linguagem em mercadoria global.

A expectativa de retorno rápido — frequentemente mencionada pelos participantes — evidencia uma temporalidade acelerada típica do neoliberalismo, na qual investimentos devem produzir resultados

tangíveis em curto prazo. Essa lógica contribui para intensificar a pressão sobre os indivíduos, que passam a medir suas trajetórias educacionais em termos de eficiência e produtividade.

Por fim, ao conceber o inglês como investimento, os participantes reforçam uma visão utilitarista da linguagem, na qual seu valor está diretamente ligado à sua capacidade de gerar benefícios econômicos. Essa perspectiva, embora amplamente disseminada, tende a obscurecer outras dimensões da aprendizagem linguística, como o desenvolvimento cultural, crítico e social.

4.4. Mobilidade Internacional e Identidade Cosmopolita

A mobilidade internacional emerge como estratégia privilegiada para acelerar a aquisição do inglês e, simultaneamente, para produzir uma identidade cosmopolita. Os participantes associam a experiência no exterior não apenas à melhoria linguística, mas também à aquisição de atributos valorizados socialmente, como autonomia, abertura cultural e distinção.

A partir de Bourdieu (1991), essa identidade pode ser compreendida como forma de capital simbólico, que agrega valor ao indivíduo em diferentes campos sociais. Ter estudado no exterior funciona como marcador de distinção, sinalizando acesso a recursos e experiências considerados legítimos.

Block (2018) argumenta que a mobilidade internacional está profundamente imbricada na produção de sujeitos neoliberais, que acumulam experiências como forma de capitalização de si. Nesse sentido, viajar para estudar inglês não é apenas uma escolha educacional, mas um investimento na construção de um “eu” competitivo e global.

Além do mais, a preferência por destinos mais acessíveis, como a Cidade do Cabo, revela a interseção entre desejo e restrição econômica. As escolhas dos participantes são moldadas tanto por aspirações quanto por limitações financeiras, evidenciando como o mercado de mobilidade linguística se organiza em diferentes níveis de acessibilidade.

4.5. Programas no Exterior Como Investimento

Os programas de língua no exterior são interpretados pelos participantes como investimentos de alto custo, mas com retorno potencial elevado. Essa percepção reforça a lógica de mercantilização da educação linguística, na qual cursos, viagens e experiências são avaliados em termos de custo-benefício.

Kroskirty (2010) permite compreender essas justificativas como racionalizações ideológicas que tornam tais investimentos não apenas desejáveis, mas necessários. Ao mesmo tempo, Holborow (2015) enfatiza que essa naturalização está inserida em estruturas econômicas que promovem a transformação da linguagem em mercadoria global.

A expectativa de retorno rápido — frequentemente mencionada pelos participantes — evidencia uma temporalidade acelerada típica do neoliberalismo, na qual investimentos devem produzir resultados tangíveis em curto prazo. Essa lógica contribui para intensificar a pressão sobre os indivíduos, que passam a medir suas trajetórias educacionais em termos de eficiência e produtividade.

Por fim, ao conceber o inglês como investimento, os participantes reforçam uma visão utilitarista da linguagem, na qual seu valor está diretamente ligado à sua capacidade de gerar benefícios

econômicos. Essa perspectiva, embora amplamente disseminada, tende a obscurecer outras dimensões da aprendizagem linguística, como o desenvolvimento cultural, crítico e social.

5. CONCLUSÃO

Este artigo analisou como aprendizes brasileiros constroem o inglês como uma mercadoria global ao longo de suas trajetórias de aprendizagem, evidenciando a centralidade de ideologias linguísticas que articulam linguagem, economia e identidade. A partir das narrativas dos participantes, foi possível demonstrar que diferentes espaços de aprendizagem — escola, institutos de idiomas e programas no exterior — não apenas oferecem experiências distintas, mas também produzem e legitimam hierarquias sobre o que conta como aprendizagem “válida”.

Os resultados indicam que a escola é frequentemente posicionada como espaço de insuficiência, o que contribui para a naturalização da busca por soluções privadas. Em contraste, institutos de idiomas e programas internacionais são valorizados como caminhos eficazes para a aquisição do inglês, ainda que dependam de significativo investimento financeiro. Essa dinâmica evidencia como o acesso à proficiência linguística está profundamente imbricado em desigualdades sociais, reforçando a relação entre capital econômico e capital linguístico.

Um dos principais achados do estudo é a recorrente construção do inglês como investimento. Ao mobilizarem uma linguagem econômica para descrever suas escolhas, os participantes revelam a internalização de uma racionalidade neoliberal na qual a educação é tratada como ativo e o sujeito como empreendedor de si. Nesse

processo, a aprendizagem de inglês deixa de ser apenas uma prática educacional e passa a ser entendida como estratégia de valorização pessoal e profissional.

A mobilidade internacional, por sua vez, emerge como prática que articula dimensões linguísticas e simbólicas. Estudar no exterior não apenas amplia a exposição ao idioma, mas também contribui para a construção de uma identidade cosmopolita, valorizada no mercado de trabalho. Tal processo evidencia como experiências educacionais são convertidas em capital simbólico, reforçando distinções sociais.

Do ponto de vista teórico, o estudo contribui ao articular perspectivas de ideologias linguísticas, capital e economia política da linguagem, demonstrando como o inglês opera simultaneamente como recurso comunicativo e mercadoria global. Ao integrar autores como Kroskrity, Bourdieu, Pennycook, Block, Gray e Holborow à análise empírica, o artigo evidencia que as percepções dos participantes não são meramente individuais, mas refletem dinâmicas estruturais mais amplas.

Em termos de implicações, os resultados apontam para a necessidade de repensar o ensino de inglês no contexto brasileiro, especialmente no que diz respeito à qualidade da educação pública e à crescente dependência do setor privado. Também sugerem a importância de problematizar discursos que naturalizam o inglês como condição para o sucesso individual, obscurecendo desigualdades estruturais e responsabilidades institucionais.

Como limitação, este estudo concentrou-se em um grupo específico de participantes de classe média, o que indica a necessidade de investigações futuras que incluam diferentes perfis

socioeconômicos, ampliando a compreensão sobre como essas ideologias circulam em outros contextos. Além disso, pesquisas futuras poderiam explorar o papel de políticas públicas e práticas pedagógicas na (re)produção dessas crenças.

Em síntese, ao analisar o inglês como mercadoria global, este artigo evidencia como linguagem, mercado e subjetividade se entrelaçam na contemporaneidade. Compreender esse processo é fundamental para promover uma abordagem mais crítica e equitativa do ensino de línguas, capaz de desafiar a naturalização da mercantilização e ampliar as possibilidades de acesso e participação social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARCELOS, Ana Maria Ferreira. Cognição de professores e alunos: tendências recentes na pesquisa de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas. In: BARCELOS, Ana Maria Ferreira; VIEIRA-ABRAHÃO, Maria Helena (org.). *Crenças e ensino de línguas: foco no professor, no aluno e na formação de professores*. Campinas: Pontes, 2006. p. 15–42.

BLOCK, David. *Political economy and sociolinguistics: neoliberalism, inequality and social class*. London: Bloomsbury, 2018.

BLOCK, David; GRAY, John; HOLBOROW, Marnie. *Neoliberalism and applied linguistics*. London: Routledge, 2012.

BOURDIEU, Pierre. *Language and symbolic power*. Cambridge: Harvard University Press, 1991.

DARVIN, Ron; NORTON, Bonny. Identity and a model of investment. *Annual Review of Applied Linguistics*, Cambridge, v. 35, p. 36–56,

2015.

GRAY, John. *The construction of English: culture, consumerism and promotion in the ELT global coursebook*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2010.

GRAY, John. ELT materials: claims, critiques and controversies. In: HALL, Graham (ed.). *The Routledge handbook of English language teaching*. London: Routledge, 2016. p. 95–108.

HELLER, Monica; DUCHÊNE, Alexandre. *Language in late capitalism: pride and profit*. London: Routledge, 2012.

HOLBOROW, Marnie. *Language and neoliberalism*. London: Routledge, 2015.

KROSKRITY, Paul V. Language ideologies—Evolving perspectives. In: JASPERS, Jürgen; ÖSTMAN, Jan-Ola; VERSCHUEREN, Jef (ed.). *Society and language use*. Amsterdam: John Benjamins, 2010. p. 192–211.

PENNYCOOK, Alastair. *The cultural politics of English as an international language*. 2. ed. London: Routledge, 2014.